

# Revisitando os saberes psicológicos: reflexões por uma psicologia do campo.

Saulo Luders Fernandes

## Reflexões preliminares: o saber psicológico na produção do sujeito do campo

O presente ensaio pretende, por meio de observações e atividades realizadas nas comunidades quilombolas da região do agreste alagoano, abrir campos de reflexão e produções conceituais norteadoras para a prática do psicólogo em uma área ainda muito insípida e pouco explorada: o mundo do campo. Ao adentrar tal proposta, não pretendemos apresentar modelos de atuação ou práticas já delineadas para intervenção, como condutas a serem aplicadas à realidade, mas procuramos realizar reflexões que lancem questionamentos ao modelo de ciência no qual nos amparamos e suas formas de operar sobre a vida das populações e dos sujeitos.

Ao compreender o saber científico como processo historicamente localizado, nos deparamos com uma ciência que traz consigo estruturas de poder que, ao debruçar-se sobre a realidade, não apenas a identifica e a investiga, mas a produz e a engendra com seus aparatos conceituais e metodológicos. A ciência não se apresenta como um observador distante da realidade, mas como um atuante manufaturador que, por meio de seus saberes, institui ordenações de poder que se atrelam às verdades fabricadas por ela. O discurso científico, como aponta Foucault em aula inaugural no Collège de France, em 1970, mais do que proferido por um sujeito detentor do saber, produz sujeitos por meio de seus enunciados que, imersos em seus aparatos conceituais e tecnológicos, configuram formas de viver e trabalhar o cotidiano<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Foucault, M. *A ordem do discurso*. Tr. br. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

Com base nesta compreensão de ciência, como campo de constituição da vida, é que questionamos os saberes psicológicos e suas interfaces com o universo do campo. A psicologia enquanto ciência funda seus pilares sobre o homem moderno e a realidade urbana na qual este supostamente se produz. Os conhecimentos psicológicos encontram-se alheios às formas de vida do sujeito tradicional e do campo, e, neste distanciamento, podem submeter as práticas da vida tradicional como conhecimento dispensável, e atuar como mecanismo de desapropriação de saberes e imposição de um modo de vida supostamente adequado e universal que, comprovado e legitimado pelo estandarte do saber científico, coloca-se como verdade a ser seguida.

É diante desses embates e questionamentos que propomos o presente ensaio como um instrumento de reflexão que nos permita pensar em proposições teórico-práticas para a inserção do psicólogo no mundo do campo, sem desqualificar o conhecimento complexo ali produzido, bem como possibilitar uma prática que, aliada ao saber tradicional e rural, produza espaços de autonomia e efetividade nos modos de vida destas populações.

### **Caminhos históricos da psicologia moderna para uma psicologia do campo**

Em seus processos iniciais, os saberes psicológicos no Brasil proliferaram em campos férteis aliados à psiquiatria e, tendo como sua representante a Liga Brasileira de Higiene Mental, no início do século XX, ganharam corpo e forma em um terreno propício a sua perpetuação.

O país finda o século XIX com a abolição da escravatura e com o intuito de integrar-se efetivamente à ordem competitiva, tendo como seus pressupostos de avanço o progresso, a modernização urbana e a industrialização. À procura de modernizar, de acordo com o modelo social e político em ascensão, as formas de vida e as produções sociais ali presentes, os aparatos técnico-científicos formavam e formatavam os sujeitos para a futura nação em emergência, que das práticas da vida rural e tradicional passam a se configurar segundo o modo de vida urbano-industrial.

Para a construção desta aspirada realidade urbano-industrial, buscava-se, por meio dos ícones dos saberes científicos modernos, com suas estratégias de ordenamento, a quantificação e a produção da vida, a configuração de homens e mulheres adequados e adaptados à ordem social que se consolidava.

A Liga Brasileira de Higiene Mental, fundada em 1923, procurava

oferecer respostas a essas problemáticas enfrentadas no crescente Brasil moderno. A Liga atuava como dispositivo de poder que engendrava, por meio de seus saberes, como conceitua Foucault, tecnologias que esquadrihavam os corpos dos ditos desviantes, bem como os modos de vida da população, tornando-a eficiente para a reprodução da ordem social vigente<sup>2</sup>. Como afirma Arthur Ramos no prefácio de seu livro *Saúde do Espírito*: “Ensinando-os a viver em sociedade, evitando e corrigindo os conflitos e desajustamentos psíquicos, que podem ou não conduzir a neuroses, a psicoses ou ao crime, mas que de qualquer maneira produzem um déficit no rendimento humano”<sup>3</sup>.

O saber médico investe seus aparatos não mais na cura da doença, mas no controle da saúde e da vida, tendo o discurso do saudável como profilaxia para os males morais e para as formas de vida que escapam aos padrões determinados por este campo de saber. Tal artimanha se perfaz como tentativa de suturar as supostas feridas sociais, aqui compreendidas como desvios que podem desencadear possíveis problemas ao corpo social em formação. Como aponta Farhi Neto: “Mais do que uma sociedade regida pela lei, para Foucault, a nossa sociedade é regida pelas normas e pelos mecanismos, em grande parte médicos, que em seu seio distinguem o normal do anormal”<sup>4</sup>.

Estas normas não proliferam em nome apenas do sujeito, mas como medida de proteção e segurança de toda a sociedade. Com o discurso da segurança pública, como afirma Farhi Neto, o controle exercido sobre os sujeitos não se perfaz somente pela anátomo-política, por meio da disciplinarização dos corpos individuais, mas penetra, pelo saberes dos especialistas, o campo da biopolítica, como dimensão de poder que, através do Estado, assume como função o controle da saúde da população<sup>5</sup>.

São com estas roupagens higienistas e eugênicas que a psicologia,

---

2 Foucault, M. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e Escritos V. Org. Manoel Barros da Motta. Tr. br. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

3 Ramos, A. *Saúde do espírito – higiene mental*. 2. ed. Rio de Janeiro: Serviço de Propaganda e Educação Sanitária, 1941, p. 7 citado por Silva Silva, L. C. A contribuição da higiene mental para o desenvolvimento da psicologia no Brasil. In: Boarini, M. L. (org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Ed. da UEM, 2003.

4 Farhi Neto, L. *Biopolíticas: as formulações de Foucault*. Florianópolis: Cidade Futura, 2010, p. 31.

5 Idem.

enquanto grande área do conhecimento, de mãos dadas com a psiquiatria e as práticas médicas, produz seus primeiros constructos teóricos e inicia suas primeiras intervenções amparadas em compreensões naturalizantes e práticas de modelização da vida.

É com estas raízes adaptacionistas que a psicologia ramifica seus saberes e percorre seu processo histórico, produzindo seus primeiros frutos de aplicabilidade com os processos de avaliação psicométricas. A psicometria transparece como a área preponderante de atuação do psicólogo no Brasil, que germinou com as práticas higienistas e eugênicas e se estendeu como atividade específica da profissão de psicólogo no início dos anos 1960. Como afirma Jacó-Vilela: “entende-se que o viés predominante indica ser a atuação do psicólogo, eminentemente técnica, tomando esta expressão a conotação de que se reconhece a atividade exercida como tipicamente do psicólogo quando implica o manejo de técnicas psicológicas.”<sup>6</sup>.

Adotarmos as práticas técnicas e a psicometria como campo de atuação que nos caracteriza como profissionais revela muito de nossa profissão e a que ela veio a responder e dar respaldo. Apresenta-se como prática que procura ordenar os desvios e categorizar, em nichos psicopatológicos, os modos de vida que se diferenciam dos parâmetros modernos almejados pela futura nação em progresso.

Esta visão normatizadora passa a ser enfrentada no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980. Tal iniciativa emerge como resposta ao processo histórico de luta e reivindicação da sociedade civil organizada e dos movimentos sociais contra a ditadura, e como discussão do processo de redemocratização no país.

Neste período histórico, como afirma Dimenstein, as profissões passam por um período de revisitação e reflexão sobre sua prática e atuação na sociedade brasileira<sup>7</sup>. Há uma cobrança em relação à contribuição que cada área do conhecimento pode oferecer para o processo de redemocratização como dispositivo de reflexão e implantação das políticas públicas no país.

Alguns psicólogos com uma compreensão crítica da psicologia já

---

6 Jacó-Vilela, A. M. Análise inicial da produção escrita em Psicologia no Brasil. In: Mancebo, D. e Jacó-Vilela, A. M. (orgs.). *Psicologia social: abordagens sócio-históricas e desafios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Ed. da Uerj, 2004.

7 Cf. Dimenstein, M. O psicólogo e o compromisso social no contexto da saúde coletiva. *Psicologia em Estudo*, v. 6, n. 2, p. 57-63, jul./dez. 2001.

vinham trabalhando com os movimentos sociais e organizações da sociedade civil desde os anos 1970. Com o objetivo de desconstruir a compreensão individualista e técnica que norteava as práticas psicológicas na América Latina, propunham uma leitura de mundo que rompesse com as produções estrangeiristas e construísse teorias e práticas que correspondessem a nossa realidade. Uma psicologia que deslocasse seu olhar do indivíduo para as produções subjetivas que se perfazem em um *intermezzo* entre as produções sociais, os aparelhos institucionais e os sujeitos nela inseridos.

A inserção do psicólogo na realidade cotidiana de nosso país exigiu uma revisitação das teorias e práticas psicológicas, para que elas correspondessem às demandas e necessidades da população brasileira. Esta tarefa procurou encaminhar novos direcionamentos da psicologia no Brasil, que da prática clínica, a qual perdurou no início de nossa profissão, procura lançar-se e se estabelecer no campo das políticas públicas, em práticas comunitárias que buscam o fortalecimento de vínculos das comunidades trabalhadas, autonomia e protagonismo social dos sujeitos que delas fazem parte.

Estes foram os rompimentos e revisões necessários para uma mudança paradigmática dos saberes psicológicos que se fizeram amparados pela necessidade histórico-social de democratização do país nos anos 1980. Atualmente, nos encontramos diante de uma nova exigência histórica que nos demanda outra revisitação aos conhecimentos psicológicos: a entrada de nossa prática no interior do país e sua inserção no mundo do campo. Com a expansão das práticas psicológicas, pós anos 80, para o campo das políticas públicas, há uma ampliação da atuação psicológica no Sistema Único de Saúde (SUS) e, recentemente, no Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Tais atuações não se concentram nas cidades de grande porte, mas situam-se nos municípios de pequeno e médio porte do país. Como apontam Macedo e Dimenstein, quanto à atuação do psicólogo na ampliação do Sistema Único de Assistência Social:

[...] espera-se que tenhamos, em um futuro próximo, o mínimo de 4.892 CRAS em cidades de pequeno porte, de 602 em cidades de médio porte, de 836 em cidades de grande porte, e de 120 CRAS em cidades consideradas metrópoles (acima de 900.000 hab.) (Brasil, 2004a); isso resultará em um total de 6.450 CRAS; em consequência, espera-se um quantitativo de

no mínimo 8.000 psicólogos atuando somente no nível básico de proteção da assistência social em todo o país, sendo 85,17% deles localizados em cidades de médio e pequeno porte.<sup>8</sup>

Outro fator que acarreta a interiorização da psicologia no país advém da implantação dos cursos de psicologia no interior: dos 23.488 cursos de psicologia existentes, 15.329 encontram-se alocados nos interiores, em cidades de pequeno e médio porte, o que equivale a 65,26% do total<sup>9</sup>. Esses dados apontam para uma ampliação da atuação do psicólogo, cujas práticas, centradas na vida urbana e em seus modos de subjetivação, deslocam-se para os interiores e o cotidiano rural.

As cidades de pequeno e médio porte nas quais o psicólogo insere cada vez mais a sua prática, são cidades que apresentam centros urbanos que mantêm muito das tradições, valores, normas e modos de vida do mundo do campo. São espaços que se produzem em dimensões híbridas, nas quais não se consegue definir a localização exata, ou o ponto em que se inicia a vida urbana e em que emerge a tradição. Ambos estão implicados um no outro, pois mesmo que o discurso do progresso afirme o Brasil como sendo um país urbanizado e moderno, é preciso observar que este urbano não se localiza no centro do cenário, mas em concomitante atuação com os modos de vida do homem e da mulher do campo.

É em face desta emergente exigência histórico-política de expansão das atividades e da formação profissional para os interiores do país que retomamos a psicologia com outro olhar, agora voltado à vida do sujeito do campo, seus costumes, tradições, e às relações que este campo implica para a vida destas cidades onde concentramos cada vez mais nossa atuação.

Como nos anos 1980, revisitamos a psicologia e a direcionamos para uma teoria e prática condizentes com nosso território, mas agora nos debruçamos sobre ela para revisá-la com o intuito de viabilizar uma psicologia que acompanhe as produções deste espaço em seu plano de imanência, permitindo a emergência da autenticidade e das diferenças ali geradas.

A prática da psicologia, ao adentrar nos interiores do país, deve ter

---

8 Macedo, J. P. e Dimenstein, M. Expansão e interiorização da psicologia: reorganização dos saberes e poderes na atualidade. *Psicologia: ciência profissão*, v. 31, n. 2, p. 296-313, 2011, p. 301-302.

9 Idem.

cautela para não se tornar novamente emissária da modernidade e realizar os feitos das propostas higienista e eugênica do início do século XX, que, amparadas pelo discurso psicológico da higiene mental, criminalizaram, marginalizaram e enquadraram, com seus saberes e instrumentos, os modos de vida dos homens e das mulheres do campo, os quais, na busca de emprego, migraram para os centros urbanos.

Para pensarmos práticas psicológicas não normativas que contemplem atuações em campos de produção ético-políticos, devemos compreender e entender a dinâmica e a relação destas populações engendradas pelas imposições da modernidade e do capitalismo avançado no qual vivemos. Tais comunidades não se apresentam fora da lógica do capital, ao contrário, elas se encontram imersas neste processo e se apresentam, por vezes, como expressão deste sistema, que, ao expandir-se para os espaços mais longínquos, mescla as insígnias do progresso e da modernidade aos saberes e modos de vida tradicionais.

### **A produção do conhecimento e os modos de vida das comunidades rurais e suas interfaces às produções modernas**

As produções do mundo rural apresentam-se, nas ciências sociais, como um campo dicotômico que cinde os espaços do campo e da cidade como medidas distintas para avaliar e analisar cada local como território díspar, que se conecta em uma relação de subordinação do campo pela cidade. Tal compreensão supõe o rural e suas produções com as características do atraso e da escassez, cuja existência apresenta-se condicionada às relações com os centros urbano-industriais e que tenderiam ao fim com o processo de urbanização<sup>10</sup>.

A díade cidade-campo produz os centros urbanos como emblema das concepções modernas, com suas produções industriais e tecnológicas, na consolidação de um sujeito amparado pelos ditames da racionalidade científica que explicam e compreendem a realidade pelos especialismos e os saberes produzidos. Assim, o mundo do campo, amparado pela tradição, produz o sujeito do trabalho braçal que, na atividade agrária, encontra-se fadado ao tempo do atraso, a um passado que sucumbirá às produções modernas dos

---

10 Froehlich, J. M. Identidades e tradições reinventadas: o rural como tema e cenário. In: Carneiro, M. J. (org.). *Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X / Faperj, 2012, p. 201-226.

centros urbanos. Tal suposição é falaciosa, como afirma Carneiro referindo-se ao novo cenário do mundo rural que se perfaz

[...] na constituição de novas formas de sociabilidade e de relações sociais sustentada em uma complexa rede de atores sociais que não pode mais ser compreendida pura e simplesmente como um processo de urbanização que se encaminharia na direção da homogeneização espacial e social entre o campo e a cidade.<sup>11</sup>

Estas compreensões dicotômicas, ao se consolidarem, delineiam caminhos binários que de forma antagônica segmentam as produções do campo e da cidade, ou, quando permitem seu encontro, o fazem para submeter a primeira à lógica da segunda. Estas bifurcações nos levam a formações normativas que impedem de pensar tais dimensões como *continuum* em que se encontram e processam rupturas e imersões, contra a lógica linear em que a cidade sobrepuja o campo, abrindo o olhar para a complexidade de atores sociais e práticas que se interseccionam entre o campo e as produções urbanas.

Talvez, como afirmam Deleuze e Guattari, seja preciso fazer a leitura do campo e da cidade em uma prática e realidade cartográficas, na produção de um mapa com suas reverberações que não delimitam fronteiras, mas configuram porosidades que se conectam em novas expressões e produções<sup>12</sup>. Abandonar o decalque como representação da vida, já delineado, e que normatiza cidade e campo como espaços opostos, na tentativa de construir compreensões analíticas transversais que tragam à tona a máquina campo-cidade, já existente na realidade contemporânea, porém, às vezes, negligenciada pelo olhar dos investigadores. Oferecer destaque e vazão para uma compreensão do campo não mais como distante da cidade, mas que, por meio das produções tecnológicas, entra em relações de vizinhança, proximidade e espaços de interpenetração em expressões culturais, práticas de trabalho e modos de vida campo-cidade e cidade-campo.

Carneiro afirma que esta concepção binária advém da sociologia

---

11 Carneiro, M. J. Do "rural" como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: Carneiro M. J. (org.). *Ruralidades contemporâneas...*, op. cit., p. 25.

12 Deleuze, G. e Guattari, F. Introdução: rizoma. Tr. br. Aurélio C. Pinto. In: *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1. São Paulo: Ed. 34, 2009.

rural europeia clássica, que, quando trazida à realidade brasileira, consolida uma compreensão estrangeirista, alheia às produções sociais aqui compostas<sup>13</sup>. No Brasil, não cabe a dicotomia, o *continuum* cidade-campo já se expressa desde a colônia, tendo na terra, grande bem capital, o espaço de consolidação das relações econômico-políticas que, na figura do grande fazendeiro e coronel, estende seu domínio aos centros urbanos. Nesse processo, a cidade opera nas produções organizadoras do mundo rural, em suas expressões políticas, sociais e econômicas.

Este entrelaçamento se estende ao contemporâneo nas configurações emergentes no espaço rural. Com as tecnologias que permitem uma aproximação entre campo e cidade, novos modos de trabalho e deslocamento se efetuem e as características que fixam a identidade do sujeito do campo ao trabalho agrícola, e que busca na cidade melhores condições de vida, se alteram.

Carneiro, em suas investigações, aponta uma diminuição crescente no êxodo rural no Brasil e em outros países, com um maior enraizamento da população no campo. Tal fenômeno se deve à proximidade existente entre o campo e a cidade, que possibilita o fácil acesso da população rural às produções urbanas, o aumento do número de pessoas que residem na zona rural e realizam suas atividades de trabalho na cidade, e pessoas que saem da zona urbana para constituírem moradia na zona rural, em busca de melhorias e qualidade de vida, bem como o crescimento de atividades não agrícolas, como o turismo rural e o artesanato, além de outras ocupações que proporcionam fontes diversas de composição de renda para a família do campo.

Diferente de alguns autores que acreditavam na diluição dos processos rurais com o avanço da urbanização, o que acontece hoje é a configuração de um território diferenciado e emergente, não mais caracterizado somente pelo trabalho agrícola e o manuseio da terra, mas também por outras práticas, atividades e relações que desmitificam a zona rural como local distante e isolado, e a compõe como território que se fortalece em uma complexa rede de elementos que devem ser observados e analisados.

Esta nova composição exige uma reflexão dos pesquisadores que ali querem desenvolver seus estudos, em que o campo seja pensado em sua diversidade de expressões e produções, as quais adquirem consistência e forma em

---

13 Carneiro, M. J. Do "rural" como categoria..., op. cit.

cada local, com as relações específicas com seu território e os processos históricos nele implicados. Buscar nas expressões rurais uma unidade, que por derivações de semelhança congreguem as suas produções, é produzir um enquadre identitário que engessa e impede a proliferação dos jogos de alteridade presentes no mundo rural. É na pluralidade histórica, cultural, política, econômica, entre outros tantos elementos, que as produções do campo se constituem no Brasil, compondo um mosaico de expressões do sujeito do campo perceptíveis nas diversas comunidades presentes em nosso país: comunidades ribeirinhas, aldeamentos indígenas, comunidades quilombolas, comunidades tradicionais de imigrantes, movimentos sociais de luta pela terra, e outros grupos sociais que constituem o cenário do mundo rural brasileiro.

### **Comunidades rurais e práticas cotidianas: o sujeito do campo e a produção de saberes.**

As comunidades tradicionais e populações do campo buscam a produção de seus saberes com base na experiência empírica de suas vidas. São homens e mulheres que nas práticas da vida cotidiana produzem seus modos de ser e existir, que não estão apenas amparados por suas experiências imediatas diante da realidade, mas são produtos de conhecimentos historicamente transmitidos de geração em geração.

Nestas comunidades, a narrativa tende a ganhar forma e conteúdo, e aliada às produções mnemônicas atua como dispositivo que organiza e atualiza os valores, os conhecimentos e as crenças imersos na vida destas populações. O ato de narrar, mais do que contar fatos e “causos” [*sic*] de um tempo acabado, atualiza o passado da comunidade em suas práticas do presente e estratégias de futuros alternativos.

As produções destas práticas mnemônicas, como aponta Rodrigues, se encontram submetidas aos jogos políticos e de poder do presente, reminiscências que emergem e se atualizam em campos de disputa do que é lembrado e do que é silenciado<sup>14</sup>. Configuram-se em formações plurais polifônicas que, ao narrarem, produzem ruídos que possibilitam releituras e espaços de ruptura para a realidade dada. Realidade esta que perde seu caráter de fato

---

14 Cf. Rodrigues, H. B. C. O homem sem qualidades. História oral, memória e modos de subjetivação. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, v. 4, n. 2, p. 24-46, 2004.

histórico para se engendrar como produção da experiência e do vivido. Tais produções marginais confrontam a história oficial que, por meio de documentos e equipamentos cientificamente institucionalizados, tenta deslegitimar e silenciar as falas dos sujeitos comuns.

A narrativa faz emergir na cena o campo da experiência e com ela o protagonismo daquele que narra, que em sua história apresenta os conhecimentos de vidas repletas de sabedoria, que não necessita das amarras dos saberes institucionais para se legitimar, mas, como pontua Benjamin, necessita de um ouvinte disposto a adentrar no ato narrativo, e que, ao fazê-lo, passa a pertencer e a germinar com ele outros contos, vozes e histórias<sup>15</sup>. A prática de narrar suplanta o ato normativo da informação, que tenta estrategicamente instaurar os modos de vida na modernidade ao se propor adentrar no campo ético da busca pela alteridade daquele que, por meio de sua experiência, produz o conhecimento e a prática da vida que se quer viver. Como afirma Dona Antônia<sup>16</sup> (78 anos), rezadeira da comunidade, em conversas sobre os conhecimentos do lugar:

Aqui meu fío a gente aprende tudo com os outro. Esses chá milagroso e as reza que eu sei, tudinho aprendi com a minha mãe. Coisa que nem dotor sabe, que mesmo estudado não aprendeu. Minhas irmã também sabe, mas não levaram isso para vida não. Eu quero que um de minhas neta aprenda também, acho que assim os saber do passado ficam para todos.

Dona Antônia fala de seu aprendizado como experiência, como conhecimento marginal que ultrapassa os saberes especializados dos médicos e outros profissionais. Pois tais saberes são aprendidos por meio do outro, rico em experiência e conhecimento, que, como uma voz coletiva de gerações, oferece autoridade a quem fala e possibilita conhecimentos que são socializados entre todos.

Na modernidade, como afirma Benjamin, a tradição da narrativa é substituída paulatinamente pelas produções informativas, que sobre o sujeito

---

15 Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura*. Tr. br. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

16 Todos os nomes descritos são fictícios, para fins de preservação dos sujeitos.

isolado buscam trazer os fatos acabados e bem descritos<sup>17</sup>. Cabe ao sujeito, nesta relação, repetir invariavelmente a informação passada, que na ausência de experiência produz uma ecolalia social do dito engendrando o já afirmado por outrem, em uma repetição saturada do mesmo que nos lança em campos de ostracismos e conformidade.

Na pobreza de experiência, encontramos-nos solitários em um mundo carregado de técnicas que não necessitam da experiência para se gerenciar, mas de instruções que de forma generalista nos engolfam e nos encaixam em engendramentos normativos que guiam nossas vidas. A produção da dimensão ética como campo de produção do sujeito, que por meio de suas experiências configuram os modos de reger a vida e suas relações, se esvai, e o que ganha corpo são as construções morais, que de forma verticalizada nos são impostas como normas, não produzem conhecimento e nos dizem como viver e nos comportar<sup>18</sup>.

As populações tradicionais encontram-se submetidas ao campo das técnicas e das estratégias do poder, que, como afirma Certeau, consolidam lugares prescritivos engendrando rotas já traçadas, onde o sujeito, ao circular, torna-se visível às sugestões do poder<sup>19</sup>. Porém, sobre este espaço de marginalidade jorra o potencial de resistência destas comunidades, que no lugar do submetido, da ausência de poder, configuram o campo da astúcia e das táticas, como mecanismos de enfrentamento que não apresentam caminhos traçados, mas um traçando rotas que, ao se fazerem, desterritorializam os lugares organizados pelas estratégias do poder, em uma antropofagia dos espaços que os incorporam as suas condições de vida e práticas cotidianas. Como aponta Certeau:

A ordem efetiva das coisas é justamente aquilo que as táticas “populares” desviam para fins próprios, sem a ilusão que mude proximamente. Enquanto é explorada por um poder, ou

---

17 Benjamin, W. *Magia e técnica...*, op. cit.

18 Espinosa, B. [1677]. *Tratado político*. Trad. intr. e notas Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

19 Certeau, M. *A invenção do cotidiano 1 - Artes de fazer*. Tr. br. Ephraim F. Alves. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

simplesmente negada por um discurso ideológico, aqui a ordem é representada por uma arte.<sup>20</sup>

É nesta estética da vida cotidiana que o sujeito comum produz suas táticas de resistência que, ao se expressar, desviam as linhas dominantes já traçadas. Tais produções estéticas, como observadas nas comunidades quilombolas investigadas, vão desde os cantos de trabalho, que sobre a exploração da mão de obra evocam sentido de luta e crescimento para a vida; as atividades alternativas de cuidados em saúde, que, em face da medicalização e especialização, produzem as práticas com ervas e chás; o acolhimento e a criação de vínculos comunitários na conversa com a vizinhança, bem como as danças e rezas para o cuidado dos males do corpo e da alma; os contos e narrativas que confrontam a história oficial e atuam como processo de expressão estética de resistência, narrativas e falas que dizem de seu território e das experiências daqueles que ali vivem e viveram, bem como a produção de silêncios, sábia tática de saber que percebe a ocasião oportuna para do poder a sua fala marginal.

Diante das inúmeras estratégias dos saberes especializados e das produções modernas, as comunidades promovem jogos de antagonismos que ora expressam táticas que partem das construções instituídas para vias de escape à lógica da modernidade, ora legitimam as produções hegemônicas em seu cotidiano, como expressão ambígua de nossa própria realidade contemporânea. Não devemos postular um tempo e espaço à parte para estes atores sociais, porque fazê-lo é produzir identidades estereotipadas que os identificam com uma tradição do passado. Tais tradições e identidades apresentam-se imersas em uma rede de sentidos e significados que integram as diferentes formas de expressão às produções do capital, no que Guattari denomina de *Capitalismo Mundial Integrado*<sup>21</sup>. Superar as compreensões que envolvem os processos identitários das populações do campo com um passado remoto, é lançar-se a produções analíticas que concebem o sujeito contemporâneo para além de dualidades que ora o coloca dentro, ora fora da lógica capitalista. Para Guattari, não há um fora do sistema, é por meio dele, em seus interstícios,

---

20 Idem.

21 Guattari, F. *Plan sobre el planeta: capitalismo mundial integrado y revoluciones moleculares*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

que as linhas de fuga se formam, se configuram e atuam por desvios, produzindo campos de alteridade que se diferenciam da lógica instituída e fazem do capital uma falácia a ser superada<sup>22</sup>. Tal qual na relação destas populações com a terra -, em que se consolidam produções diferenciadas que subvertem as ordenações do capital e fomentam táticas que fazem da terra espaço de convivência e criação da vida por meio do seu uso comum, que, por sua vez, ultrapassa a lógica da propriedade e o modo individual de produção socialmente hegemônico.

Alguns territórios de comunidades negras, em seu processo histórico e político, como afirma Almeida, caracterizam a terra como propriedade de um coletivo, que escapa aos liames jurídicos e às normas sociais que requerem para a propriedade um indivíduo titular<sup>23</sup>. Tomemos, a título de exemplo, as terras de preto. Elas se apresentam como territórios adquiridos, doados ou entregues às famílias de ex-escravos em lutas e conflitos durante o período colonial. Seus descendentes não realizaram a partilha da terra como propriedade individual, mas na sua produção como território comum, como tática para sobrevivência e perpetuação de seu modo de vida.

É preciso tomar cuidado para não produzirmos binaridades que nos levem a compreender o mundo do campo como um local idílico e idealizado que se encontra à parte das produções modernas e capitalistas. Estes modos que questionam a propriedade e as formações individuais se configuram nas entranhas do capital, atuando como modo de diferenciação para resistir e manter-se em face do modelo existente.

Estes modos autênticos e divergentes de ocupação territorial engendram-se em um momento histórico de conflito e transição no Brasil, datam do período colonial à entrada na ordem competitiva. Nesse período, as elites latifundiárias do país se encontram em conflito, o que permite a emergência de expressões marginais que, a partir do modo indivíduo de atuação, agenciam dispositivos coletivos que gerenciam modos de organização da vida e produção econômica que burlam e questionam formações estruturantes do sistema capitalista, lançando-se em um devir coletivo de produção que

---

22 Idem.

23 Almeida, A.W. B. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito. In: Godoi, E. P.; Menezes, M. A. e Marin, R. A. (orgs.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias*, v. 2 - *Estratégias de reprodução social*. São Paulo: Ed. da Unesp; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

afirma o uso comum e compartilhado da terra.

Tais questionamentos possibilitam o transbordar do conceito de propriedade, fadado a um bem que agrega e produz capital, para transformá-lo em constituição de território como espaço permeado por relações sociais peculiares, com suas produções semióticas e culturais específicas, embebidas em sua capacidade econômica local, e que possibilitam a organização e manutenção destas formas de vida.

A relação do sujeito do campo com seu território torna-se dimensão de emergência de significados, que nas produções práticas da vida engendram saberes que norteiam seus olhares sobre a realidade. Este saber prático formado sobre a natureza não se restringe a operações técnicas, como o momento de plantar e a estação certa para colher. Ele transpõe esta relação e atrela-se ao modo de vida como conhecimento que auxilia os sujeitos na compreensão e explicação dos acontecimentos e fenômenos da realidade social que os circunda. A terra e seu território tornam-se campos coextensivos das constituições subjetivas, em produções rizomáticas<sup>24</sup> que não permitem delimitar ao certo o local onde se iniciam as produções de sentido e emergem as práticas cotidianas.

Nestes modos de atuação, o sujeito e a realidade se encontram em um *continuum* que descentra a compreensão de indivíduo, fortalecida pelas produções modernas, reverberando em revoluções moleculares que processam o desejo em um plano de enunciação coletiva, no qual as relações de vizinhança, ao final de tarde, os encontros nas casas de farinha para o trabalho e as festas tradicionais permitem a emergência de um sujeito que se compreende desde o local e as produções que ali se fazem e o atravessam. Quando em uma de nossas andanças [*sic*] e investigações nas comunidades quilombolas da região, perguntamos ao Sr. Sebastião (68 anos) se ele pertencia à comunidade quilombola em questão, ele respondeu: “*Olha seu menino, sei que sou daqui desta terra. Aqui de onde meus pais nasceram. Sou desta roça, desta casa, amigo dos vizinhos e tocador de pandeiro. (risos). Fiquei por aqui e aqui vou ficar.*”

A resposta de Sebastião escapa à pergunta que requer uma identidade fundante para se consolidar, não restringe o eu ao campo individual e particular, mas se apresenta como multiplicidade que compõe e agencia seus processos subjetivos ao apanhar linhas diversas para produzir um campo

---

24 Deleuze, G. e Guattari, F. Introdução: rizoma, op. cit.

de consistência delineado em aberturas e nos vários atravessamentos que o perfazem, como sujeito da roça, sujeito da música e sujeito do lugar. Porém, este lugar não se configura como um campo unitário e homogêneo, é antes a pluralidade de lugares que compõem aquele território.

Talvez os especialistas, ao debruçarem-se sobre estas comunidades, com suas concepções teóricas modernas que centralizam e procuram aplicar técnicas em um eu subjetivado, não consigam compreender e apreender a produção deste outro sujeito plural e composto. Assim, por vezes, constroem campos de dicotomia entre sujeito e cotidiano, objetivando sua prática no modo indivíduo, como um eu consolidado e linear. O psicólogo, na procura da identidade e das estruturas psíquicas; o médico, na busca da saúde idílica proposta a um organismo; o assistente social, na tentativa do encontro com a família adequada às normas sociais, perfazem algumas das buscas que não desconsideram as produções plurais que se amparam no território, mas se baseiam em buscas representacionais que não dizem respeito à realidade e aos planos de criação e imanência que ali se processam, obstruindo-os e controlando-os ao aplicar àqueles modos de vida, mais do que técnicas, normas do bem viver.

Talvez caiba aos profissionais procurar, nas produções formadas sobre a realidade, espaço para a composição de sua prática e, a partir desta, para suas construções técnicas - a técnica como instrumento para a prática da vida e seus modos peculiares de atuação. Pois se ampararmos nossa prática a uma técnica já dada, corremos o risco de, alienados do plano da realidade que demanda e imana suas questões, engessá-la com construções normativas que silenciam e desapropriam os saberes locais, impondo-as como prerrogativa para promoção da vida.

### **Considerações para uma psicologia do mundo rural**

Compreende-se que adentrar na discussão dos fenômenos que cercam o mundo rural não é tarefa simples de transposição de saberes da realidade urbana para o universo do campo. Como ponto de partida, é necessário conceber este mundo rural como não aprisionado a um tempo longínquo, pois ele acompanha os processos de produção contemporânea em várias direções: subjetiva, econômica, política, cultural, semiótica, entre outras linhas. Tais atravessamentos configuram o espaço rural como campo diverso, que apresenta a

formação de cada território como lugar peculiar, com suas histórias, enfrentamentos políticos e necessidades diferenciadas frente aos embates de poder e negociações presentes.

Romper com compreensões dicotomizantes e normativas é constituir um campo de saber que não se apresenta pronto, mas em processo de invenção e criação que, por meio das práticas cotidianas produzidas no local em que se intervém e pesquisa, configura conhecimentos que correspondam à realidade daqueles que ali vivem. São com estas bases que devemos compor conhecimentos para uma psicologia que sirva às necessidades e produções do mundo rural.

Para isso, devemos escapar às estratégias dos especialismos que buscam formar conhecimentos e aparatos técnicos específicos, os quais tornam apenas os ditos especialistas proprietários do saber, autorizados a determinar como se deve manusear e trabalhar os objetos da realidade. Estas formações especialistas já tomaram forma e corpo em outro momento histórico no país, quando pediram auxílio aos médicos e psiquiatras do início do século XX ao responder quais sujeitos eram aptos e qualificados a adentrar na nova ordem político-econômica e quais deveriam, incluindo-se aqui as populações rurais, ser trabalhados e readaptados às exigências da realidade que se impunha.

Burlar os especialismos, como aponta Rodrigues, que almejam uma definição que limite os saberes a um objeto preciso, tornando-os disciplinados por regras e técnicas, enrijecendo nossos processos analíticos e interventivos<sup>25</sup>. Fugir ao especialismo é ir além da busca por sínteses e unidades, em uma tentativa de obstruir a compreensão da realidade em campos homogêneos. Devemos objetivar a compreensão do real como dimensão de composição de diferenças que, no seu encontro, como afirma Deleuze, engendra o caosmos, como realidade composta que não segmenta as produções de alteridade em unidades de medida, mas compreende estes planos de diversidade como *continuum* no qual um se estende sobre o outro na configuração de várias entradas em vários planos de consistência<sup>26</sup>. Este salto epistemológico se faz necessário para buscarmos uma ciência psicológica que ofereça respaldo

---

25 Rodrigues, H. B. C. A psicologia social como especialidade: paradoxos do mundo psi. *Psicologia e Sociedade*, v. 17, n. 1, p. 17-28, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a13v17n1>>

26 Deleuze, G.. *Lógica do Sentido*. Tr. br. Luiz Roberto S. Fortes. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

aos planos de imanência e inventividade presentes na realidade rural.

A psicologia enquanto saber especializado pode restringir a realidade e os processos do mundo rural a compreensões psicologizantes que não captam as outras camadas das produções subjetivas do sujeito do campo. Nesse sentido, é preciso propor uma produção híbrida com outros saberes e o conhecimento popular que, em seu encontro, não criem fronteiras limitadoras em cada território, mas encontros que desterritorializem nossas compreensões, na tentativa inventiva de constituir conhecimentos que falem do campo e para as suas produções e que recriem as suas realidades em face das necessidades emergentes.

\*Saulo Luders Fernandes é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Desenvolveu, no mestrado, pesquisa com idosos de uma comunidade ribeirinha no Rio Paraná. Atualmente é professor efetivo da Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca. Realiza pesquisas e projetos de extensão na área de psicologia social com ênfase em comunidades tradicionais e rurais da região.